

CARTOGRAFIA ESCOLAR INCLUSIVA E ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO DA DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Tuane Telles Rodrigues ¹

Introdução

A inclusão escolar tem se consolidado como um princípio central no cenário educacional brasileiro, demandando práticas pedagógicas que sejam adaptadas às necessidades específicas de cada estudante. Nesse sentido, a Geografia desempenha um papel relevante ao articular a cartografia escolar sob uma perspectiva inclusiva e ao introduzir noções fundamentais de proteção ambiental, promovendo tanto a compreensão do espaço geográfico quanto a reflexão sobre a relação entre sociedade e natureza. Assim, o presente artigo tem como objetivo apresentar uma das atividades realizadas com estudantes com deficiência intelectual, na qual foram trabalhados processos de alfabetização cartográfica e de conscientização acerca da importância da preservação dos ecossistemas marinhos. Isto posto, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- a) Desenvolver a compreensão de elementos cartográficos básicos, como título, legenda, escala e cores, utilizando o mapa da Área de Proteção Ambiental (APA) da Baleia Franca como recurso didático;
- b) Promover a reflexão sobre a importância da proteção ambiental em ambientes marítimos, estimulando a conscientização sobre a preservação dos ecossistemas costeiros;
- c) Adaptar estratégias pedagógicas inclusivas que possibilitem a participação ativa dos estudantes com deficiência intelectual, respeitando suas necessidades individuais durante as atividades.

A atividade foi desenvolvida em 2024 com três estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) de Santa Cruz do Sul/RS, ao longo de quatro aulas planejadas especificamente para essa finalidade. A intervenção, de caráter pontual, foi direcionada a um grupo intencionalmente selecionado, composto por estudantes com deficiência intelectual que frequentavam a sala comum com acompanhamento de uma monitora e, em alguns momentos da semana, também a sala de recursos. Entre eles, um apresentava Síndrome de Noonan, outro Síndrome de Williams e o terceiro transtorno de oposição desafiante. A condução da proposta esteve sob responsabilidade da professora, enquanto a monitora colaborou com a parte operacional, auxiliando em tarefas como recortar materiais, colar e organizar os elementos nos cadernos.

As atividades foram planejadas e desenvolvidas de forma prática e acessível, com ênfase no uso de recursos visuais e materiais concretos, a fim de facilitar a compreensão dos conteúdos trabalhados. Para sua elaboração, tomaram-se como referência os Objetos de

¹ Secretaria Municipal de Educação de Santa Cruz do Sul/RS. Doutora - tuanytel@hotmail.com

Conhecimento e as habilidades previstas na BNCC de Santa Cruz do Sul (2019) para os 6º e 7º anos. Essa retomada inicial buscou consolidar conceitos cartográficos fundamentais, garantindo uma base sólida para a leitura e interpretação de mapas. A escolha do tema das baleias deu-se por se tratar de um assunto capaz de despertar interesse e engajamento, permitindo que os alunos explorassem elementos do mapa — como título, legenda, cores e escala — de forma significativa e articulada à curiosidade sobre o meio ambiente e a biodiversidade marinha. Dessa forma, esse processo inicial configurou-se como um ponto de partida estruturado, essencial para assegurar a continuidade e a efetividade do trabalho pedagógico ao longo do ano.

Nesse sentido, as baleias foram escolhidas não apenas pelo seu apelo lúdico, mas também por despertarem curiosidade por seu grande porte, carisma e forte associação à preservação ambiental. A temática se alinha à BNCC do município, que, a partir da adaptação local da BNCC nacional, prevê o estudo das diferentes paisagens brasileiras, incluindo as costeiras e marinhas, integrando conteúdos relacionados à biodiversidade, ao equilíbrio ecológico e às ações humanas sobre o meio ambiente. Dessa forma, garantiu-se a continuidade da aprendizagem e o aproveitamento da curiosidade dos estudantes, promovendo a ampliação de seus conhecimentos sobre a Geografia do Brasil. O quadro a seguir apresenta os objetos de conhecimento e as habilidades trabalhadas:

6º ano	
Objeto de conhecimento	Habilidade
Biodiversidade e ciclo hidrológico	Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo.
7º ano	
Objeto de conhecimento	Habilidade
Mapas temáticos do Brasil	Interpretar e elaborar mapas temáticos e históricos, inclusive utilizando tecnologias digitais, com informações demográficas e econômicas do Brasil (cartogramas), identificando padrões espaciais, regionalizações e analogias espaciais.

Quadro 1- Objetos de conhecimento e habilidades do 6º e 7º ano de Santa Cruz do Sul/RS trabalhados na atividade

Fonte: Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de Santa Cruz do Sul/RS (2023)

A habilidade de analisar interações das sociedades com a natureza, focando na distribuição dos componentes físico-naturais e as transformações na biodiversidade, encaixa-se de forma significativa na atividade. A proposta de utilizar a APA como recurso didático permitiu aos estudantes explorarem como a sociedade interage com o meio ambiente, especialmente nas áreas costeiras, analisando não apenas os componentes naturais da região, mas também as transformações na biodiversidade, como a preservação das baleias e o impacto das atividades humanas nesse ecossistema. Para estudantes com deficiência intelectual, adaptar a Cartografia e utilizar mapas simplificados de forma inclusiva facilita a compreensão dessas interações e a identificação dos principais aspectos que envolvem a preservação ambiental.

A habilidade de interpretar e elaborar mapas temáticos se conecta diretamente com a atividade, pois propõe aos estudantes a interpretação de mapas temáticos relacionados à APA da Baleia Franca e à distribuição geográfica das baleias no Brasil. Ao trabalhar com mapas temáticos, os estudantes têm a oportunidade de identificar padrões espaciais, tais como as áreas de maior ocorrência das baleias ou os locais mais relevantes para a preservação ambiental.



A inclusão de tecnologias digitais, por meio de recursos como *softwares* de mapas interativos, torna a experiência ainda mais acessível e estimulante, permitindo que os estudantes possam criar seus próprios mapas, explorar informações espaciais e compreender analogias espaciais entre diferentes ecossistemas e suas necessidades. Esse processo de interpretação e elaboração de mapas se ajusta bem à necessidade de adaptar a Cartografia de forma inclusiva, permitindo que os estudantes com deficiência intelectual participem ativamente da construção do conhecimento geográfico, respeitando suas particularidades cognitivas e promovendo uma aprendizagem significativa.

A necessidade de trabalhar simultaneamente objetos de conhecimento e habilidades de diferentes anos escolares surge, portanto, como uma resposta à realidade da sala de aula, onde o ritmo de aprendizagem dos estudantes e os desafios enfrentados pelo corpo docente exigem flexibilidade no planejamento pedagógico. Essa abordagem possibilita uma maior contextualização dos conteúdos, permitindo que temas sejam revisitados e aprofundados de maneira mais significativa. Dessa forma, é possível não apenas cumprir as exigências curriculares, mas também atender às demandas específicas de cada turma, respeitando os diferentes níveis de compreensão e desenvolvimento dos estudantes. Assim, buscou-se criar um ambiente de aprendizagem inclusivo, estimulando o interesse, a participação ativa e a construção do conhecimento significativo por parte dos estudantes envolvidos.

Cartografia Escolar Inclusiva e Deficiência Intelectual

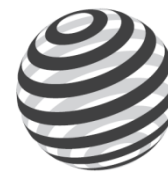
Publicações em eventos e periódicos sobre projetos e pesquisas inclusivas têm ganhado cada vez mais espaço, especialmente quando se trata da Cartografia Escolar Inclusiva. Essa abordagem também pode ser chamada de Cartografia Inclusiva, termo que não se restringe apenas ao contexto escolar. Além disso, destacam-se conceitos como Cartografia Assistiva — ainda pouco usual, mas presente no texto de Silva e Guedes (2020) — e Cartografia Tátil, voltada para pessoas cegas ou com deficiência visual.

Esse esforço reflete na adaptação de métodos e linguagens da Geografia Escolar, conforme evidenciado por Rodrigues (2019) em seu trabalho com estudantes surdos de uma escola de educação especial em Santa Maria, Rio Grande do Sul. Da mesma forma, Rodrigues e Keppel (2020) abordam a pedagogia emocional na aprendizagem da Cartografia Escolar, enquanto Santos e Rocha (2022) realizam uma pesquisa de caráter integrativo sobre práticas com estudantes cegos.

Apesar da vasta quantidade de artigos sobre o tema, observa-se que poucos abordam de forma específica os desafios enfrentados em contextos particulares, uma vez que cada situação demanda métodos e estratégias quase exclusivos de ação. Essa singularidade dificulta a formulação de abordagens universais.

Na prática, o que se pode fazer é propor estratégias pedagógicas que, mesmo adaptadas a um contexto específico, apresentem potencial de aplicação, ainda que com ajustes, em outras circunstâncias. Um exemplo disso é a experiência desenvolvida com os estudantes aqui representados, que não residem em áreas litorâneas, mas que, ainda assim, participaram de atividades voltadas ao estudo de ambientes marítimos. Essa experiência evidencia a possibilidade de transpor conteúdos para realidades distintas, proporcionando uma aprendizagem significativa mesmo fora do contexto geográfico direto.

Assim, tem-se observado o uso abundante da Cartografia Escolar, mesmo quando ainda não há uma alfabetização cartográfica formal. Isso acontece porque olhar e interpretar um mapa nem sempre exige conhecimento especializado sobre escala, projeção,



coordenadas, entre outros elementos técnicos. Em muitos casos, a compreensão de aspectos básicos, como título, polígonos, legenda e cores, é suficiente para que o sujeito possa interpretar adequadamente as informações apresentadas no mapa.

Diante dessa realidade, surge a necessidade de adaptar e simplificar os produtos cartográficos, especialmente voltados para estudantes com deficiência intelectual. Essa prática não se trata apenas de uma medida pedagógica, mas de uma estratégia essencial para garantir equidade no processo de aprendizagem, respeitando as particularidades cognitivas desse grupo. A simplificação dos mapas e materiais cartográficos permite que os estudantes acessem informações de forma mais clara e objetiva, reduzindo a sobrecarga cognitiva e evitando estímulos excessivos que poderiam gerar confusão ou respostas pouco eficazes durante as atividades.

Esse cuidado é justificado pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), que define a deficiência intelectual (transtorno do desenvolvimento intelectual) como um transtorno que “inclui déficits funcionais, tanto intelectuais quanto adaptativos, nos domínios conceitual, social e prático” (2014, p. 33). Isso significa que, além das limitações no raciocínio lógico e no pensamento abstrato, esses estudantes frequentemente enfrentam desafios na resolução de problemas complexos, na interpretação de informações simbólicas e na adaptação a novas demandas cognitivas.

Contudo, é fundamental que essa simplificação seja feita com equilíbrio e intencionalidade pedagógica. A retirada excessiva de elementos pode comprometer a profundidade do conteúdo apresentado, resultando em um empobrecimento conceitual que prejudica a aprendizagem significativa. O desafio, portanto, reside em encontrar um ponto de equilíbrio entre a clareza e a manutenção da complexidade essencial do conteúdo, garantindo que os estudantes não apenas compreendam as informações apresentadas, mas também desenvolvam habilidades cognitivas e adaptativas ao longo do processo.

Além disso, a utilização de recursos visuais bem planejados, mapas simplificados com legendas claras, cores distintas e títulos objetivos pode ser um caminho eficaz para promover a inclusão no ensino da Cartografia. Essas adaptações não apenas respeitam os limites individuais dos estudantes, mas também valorizam suas potencialidades, criando oportunidades reais de participação ativa e aprendizagem significativa.

O texto de Sonia Maria Vanzella Castellar, *Educação Geográfica: a Psicogenética e o Conhecimento Escolar* (2005), oferece uma base teórica sólida para compreender como o desenvolvimento cognitivo influencia a aprendizagem em Geografia, especialmente quando trabalhamos com estudantes com deficiência intelectual. A partir das contribuições da psicogenética, compreende-se que o conhecimento cartográfico e ambiental precisa ser apresentado de forma gradual, respeitando as etapas do desenvolvimento cognitivo dos estudantes. No projeto desenvolvido, essa perspectiva foi observada ao iniciar com elementos básicos, como título, legenda e cores, e gradualmente avançar para a localização espacial e compreensão das características da Área de Proteção Ambiental (APA) da Baleia Franca.

Além disso, Castellar (2005) enfatiza que o ensino de Geografia deve considerar o ritmo de aprendizagem de cada aluno, respeitando suas particularidades e proporcionando suporte adequado para superar desafios cognitivos e sociais. Essa abordagem esteve presente no projeto, especialmente no acompanhamento individualizado de estudantes que apresentavam dificuldades específicas, como o não reconhecimento completo das letras do alfabeto.

Área de Preservação Ambiental da Baleia Franca/SC

Abrangendo uma área de aproximadamente 154.867,40 hectares (ICMBio, 2025), as Áreas de Proteção Ambiental (APAs) da Baleia Franca representam espaços territoriais especialmente designados para a preservação e conservação dessa espécie ameaçada de extinção e de seu habitat natural. Localizada principalmente no litoral sul do Brasil, essa área abrange ecossistemas marinhos e costeiros essenciais para a reprodução, alimentação e descanso das baleias francas durante suas migrações sazonais. Além de proteger a biodiversidade marinha, a APA da Baleia Franca também desempenha um papel crucial no monitoramento ambiental e no desenvolvimento sustentável das comunidades locais, promovendo práticas de turismo ecológico e conscientização ambiental.

A Área de Proteção Ambiental (APA) da Baleia Franca, localizada no litoral sul de Santa Catarina, abrange uma extensa faixa costeira que se estende por nove municípios, incluindo Garopaba, Imbituba e Laguna. Criada com o objetivo principal de proteger o habitat de reprodução, descanso e alimentação da baleia-franca-austral (*Eubalaena australis*), essa APA desempenha um papel fundamental na conservação dessa espécie ameaçada de extinção.

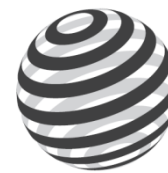
Além da proteção direta às baleias, a área também resguarda ecossistemas costeiros e marinhos sensíveis, como praias, dunas, costões rochosos e manguezais, promovendo a biodiversidade e a sustentabilidade local. A APA da Baleia Franca não apenas cumpre uma função ecológica vital, mas também impulsiona o turismo responsável e a educação ambiental, oferecendo oportunidades para pesquisas científicas e para a sensibilização da população sobre a importância da preservação dos ecossistemas marinhos.

Os estudos de Prestes (2016) sobre a relação entre conservação e sustentabilidade oferecem uma análise crítica sobre a efetividade da Área de Proteção Ambiental (APA) da Baleia Franca como instrumento de conservação ambiental, investigando, ao mesmo tempo, os impactos da exploração dos recursos naturais sobre o ecossistema local. Já o trabalho de Quóos (2023) foca na conscientização sobre a geoconservação, utilizando instrumentos interpretativos como mapas e dados geoespaciais, que não apenas informam, mas também provocam reflexões sobre os valores ambientais e as práticas de preservação. Essa abordagem, ao integrar o uso de instrumentos interpretativos, fortalece a educação ambiental ao estimular nos estudantes a compreensão crítica das dinâmicas ambientais e o papel que eles desempenham na proteção do patrimônio natural. Ambos os estudos ressaltam a importância de adotar estratégias pedagógicas que conectem conhecimento científico e valores de sustentabilidade, fundamentais para a formação de cidadãos conscientes e ativos na preservação do meio ambiente.

Ao explorar temas como preservação ambiental, impactos das atividades humanas e importância da biodiversidade marinha, os estudantes desenvolvem uma visão mais ampla e integrada sobre os desafios ambientais contemporâneos. Dessa forma, conteúdos relacionados às APAs não apenas ampliam o repertório dos estudantes, mas também estimulam o desenvolvimento de uma consciência ambiental crítica e participativa, essencial para a formação de cidadãos responsáveis e engajados com a preservação do planeta.

Metodologia

A presente pesquisa é de caráter qualitativo, voltada para compreender e descrever o processo de aprendizagem de noções básicas de cartografia escolar e a percepção sobre a preservação ambiental em ambientes marinhos por estudantes com deficiência intelectual. Os



três participantes foram selecionados com base em critérios previamente definidos, considerando o diagnóstico de deficiência intelectual leve, bem como suas especificidades cognitivas e comportamentais. A inclusão desses estudantes na investigação foi possível devido à sua frequência regular às aulas.

Os instrumentos de coleta de dados foram selecionados considerando as especificidades dos participantes e os objetivos propostos. Desse modo, foram utilizadas observações diretas durante o desenvolvimento das atividades, com registros descritivos feitos pela professora regente, a fim de documentar as interações, dificuldades, progressos e reações dos estudantes em cada etapa. Além disso, foram analisados os materiais produzidos pelos estudantes, como os mapas preenchidos e as colagens realizadas, com foco na compreensão dos conceitos cartográficos e ambientais trabalhados. Essa combinação de observação participante e análise dos materiais permitiu obter dados ricos e contextualizados, essenciais para entender o processo de aprendizagem e adaptação das estratégias pedagógicas.

As atividades foram planejadas e realizadas ao longo de quatro aulas, distribuídas em dois dias, com duração de duas horas cada, de modo a assegurar tempo adequado para exploração, compreensão e interação dos estudantes com os conteúdos. Foram utilizados materiais impressos em folhas A4, e os mapas selecionados — extraídos da tese de João Henrique Quoos (p. 70-71, 2023) — foram criteriosamente escolhidos por sua atratividade visual, clareza e simplicidade dos elementos, favorecendo a abstração e prevenindo sobrecarga de informações que pudesse comprometer a compreensão. As figuras 1 e 2 mostram os mapas e ilustrações utilizados na atividade.

A atividade proposta consistiu em dois momentos principais. Primeiramente, os estudantes foram orientados a identificar e escrever os nomes dos municípios que integram a Área de Proteção Ambiental (APA) da Baleia Franca nos mapas fornecidos. Em seguida, os estudantes foram apresentados a diversas imagens de baleias e orientados a identificar aquelas que correspondiam à baleia-franca. Após essa seleção, eles posicionaram e colaram as figuras nos perímetros corretos do mapa, permitindo a visualização da relação espacial entre as áreas protegidas e a ocorrência da espécie.

Sendo assim, O planejamento pedagógico foi estruturado de forma a articular o trabalho com a cartografia e a temática ambiental, promovendo a integração entre conceitos e práticas. Nesse contexto, a atividade com mapas funcionou como uma estratégia de comunicação visual, permitindo que os estudantes desenvolvessem a compreensão de informações espaciais e estabelecessem relações com os conceitos ambientais abordados. O uso de elementos como cores, legenda e título facilitou a leitura e interpretação dos mapas, fortalecendo a alfabetização cartográfica de forma gradual e acessível.

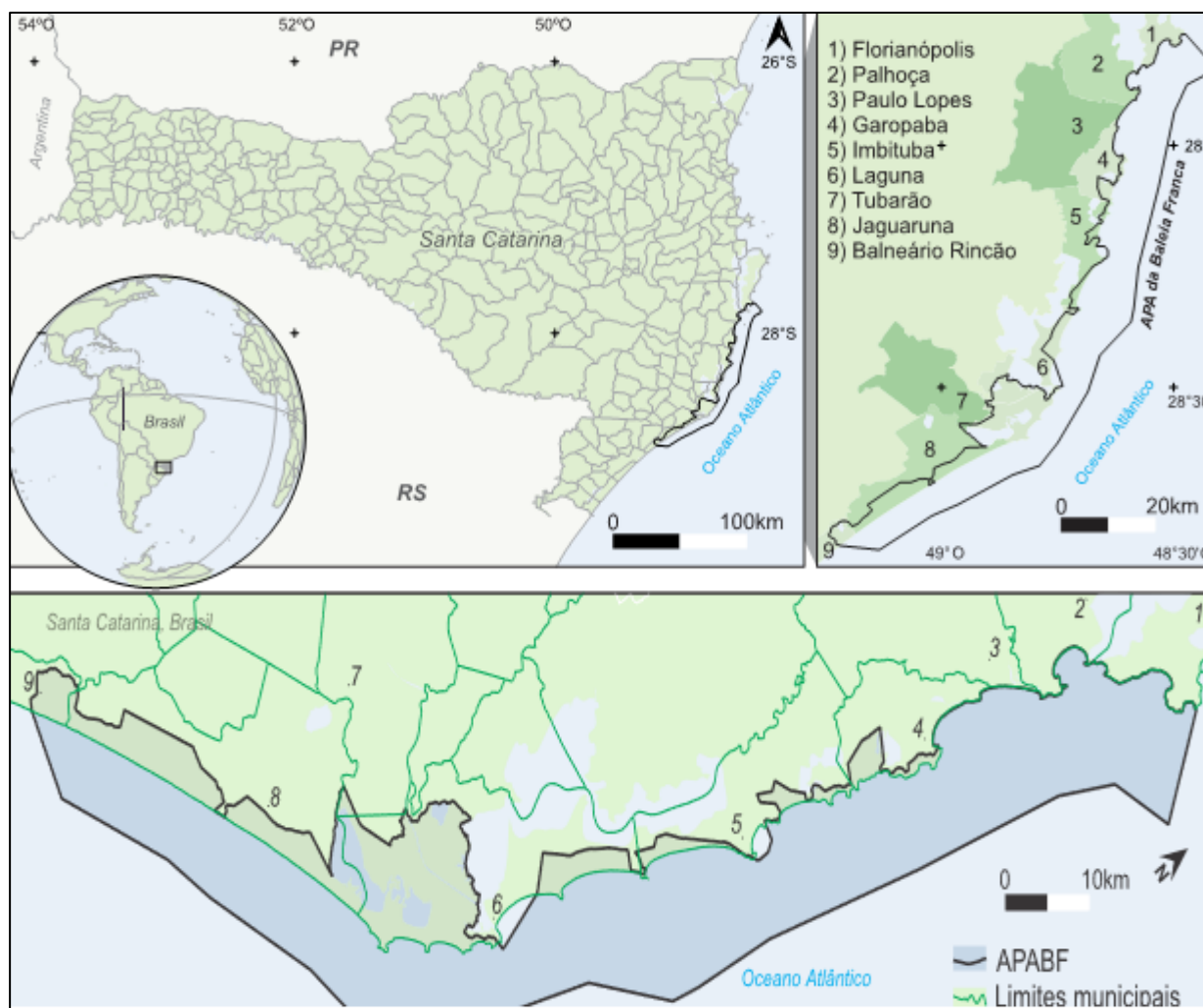


Figura 1- Mapa de localização da APA da Baleia Franca utilizado na atividade
Fonte: Quoos (2023)

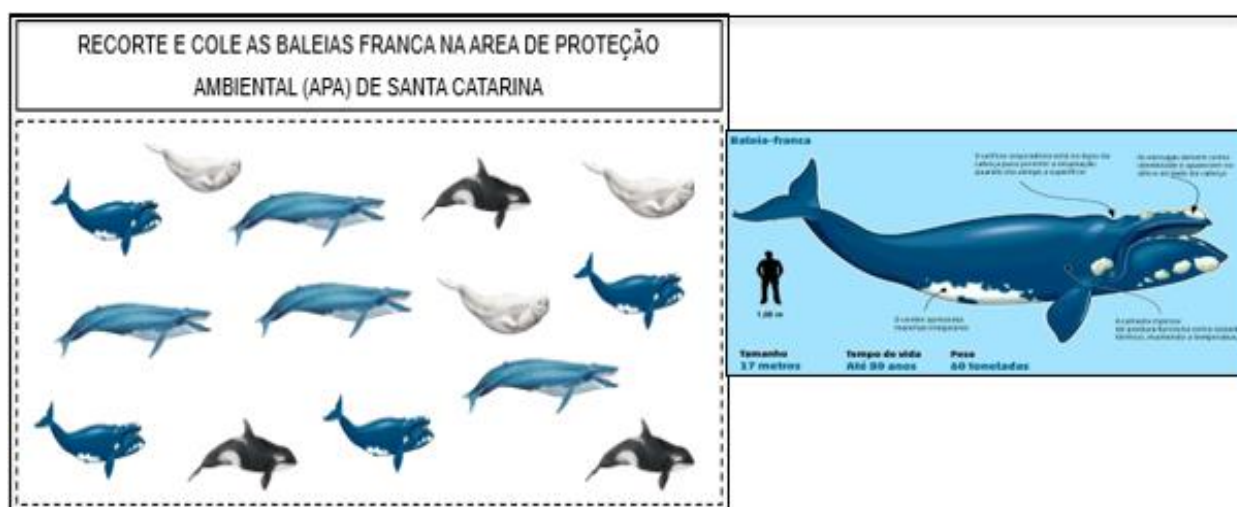
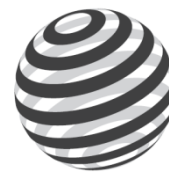


Figura 2- Ilustração da Baleia Franca e outras ilustrações utilizadas na atividade de recortar e colar
Fonte: Pinterest (diferentes espécies de baleias, 2024)



arte: Julia Trindade



arte: Nuno Lei

Resultados

O resultado da atividade foi positivo, com todos os estudantes conseguindo concluir as tarefas propostas. Eles organizaram os nomes e colaram as ilustrações da Baleia Franca nos locais adequados, mostrando bom envolvimento e atenção aos detalhes. Além disso, com o auxílio do mapa do Brasil em sala de aula, eles conseguiram estabelecer a localização da APA da Baleia Franca em relação ao município de Santa Cruz do Sul, compreendendo sua importância dentro do contexto geográfico nacional.

Durante a atividade, os estudantes também demonstraram curiosidade sobre a possibilidade de observação ao vivo das baleias, o que foi um ponto de destaque. Para atender a essa curiosidade, fizemos uma pesquisa na tela interativa da sala de aula, onde visualizaram fotos das baleias no litoral catarinense, o que enriqueceu ainda mais o aprendizado e incentivou a reflexão sobre a preservação e proteção das espécies.

Vale destacar que dois estudantes possuem dificuldades de escrita, não reconhecendo todas as letras do alfabeto ou se confundindo ao escrever. Nesse caso, a monitora auxiliou na organização das palavras, garantindo que todos conseguissem participar plenamente da atividade.

Por fim, um dos estudantes se destacou por sua capacidade imaginária. Ele produziu histórias e teorizou sobre o estilo de vida das baleias, criando narrativas que enriqueceram a dinâmica da atividade e mostraram como a fantasia pode ser uma ferramenta poderosa na construção do conhecimento. Esse exercício de criatividade ajudou a integrar os conteúdos de forma significativa e envolvente, ampliando o interesse dos estudantes sobre o tema.

Apoiando-se no que diz o DSM-5 (2014, p. 38) sobre as características associadas à deficiência intelectual, que afirma que "a credulidade costuma ser uma característica, envolvendo ingenuidade em situações sociais e tendência a ser facilmente conduzido pelos outros", é possível interpretar que a maneira como o estudante se deixou levar por uma interpretação fantasiosa sobre as baleias, criando histórias e teorias sobre seu estilo de vida, também pode ser vista como uma expressão dessa credulidade. Essa manifestação, no entanto, não deve ser entendida de forma negativa, mas como uma forma de exploração imaginativa, que, com o devido acompanhamento pedagógico, pode se transformar em uma ferramenta de aprendizado e desenvolvimento criativo.

O estudante compartilhou sua imaginação dizendo que as baleias têm famílias que viajam pelo mundo, mas que no Brasil encontram o lugar onde se sentem melhor. Para ele, não existem baleias em outros planetas, já que apenas aqui elas têm tudo o que precisam, embora tenha sonhado que, se houvesse baleias em outros mundos, elas seriam diferentes das nossas, mas igualmente especiais. Essa produção imaginativa revelou uma capacidade criativa que, com a orientação adequada, pode se transformar em uma ferramenta valiosa para o desenvolvimento cognitivo e para a expansão das habilidades sociais e intelectuais. O acompanhamento constante durante a atividade garantiu que esse processo fosse conduzido de forma construtiva, respeitando as limitações e explorando as potencialidades do estudante, aspectos essenciais para a inclusão escolar e para o fortalecimento da autonomia intelectual.

A figura 3 apresenta um conjunto de registros fotográficos realizados durante a atividade. Na fotografia 1, é possível observar o material distribuído aos estudantes. Na fotografia 2, vemos um estudante escrevendo os nomes dos municípios que fazem parte da APA da Baleia Franca. Na fotografia 3, outro estudante aparece recortando as ilustrações. A fotografia 4 mostra um estudante colando as ilustrações. Por fim, a fotografia 5 exibe a atividade concluída, pronta para ser colada no caderno.

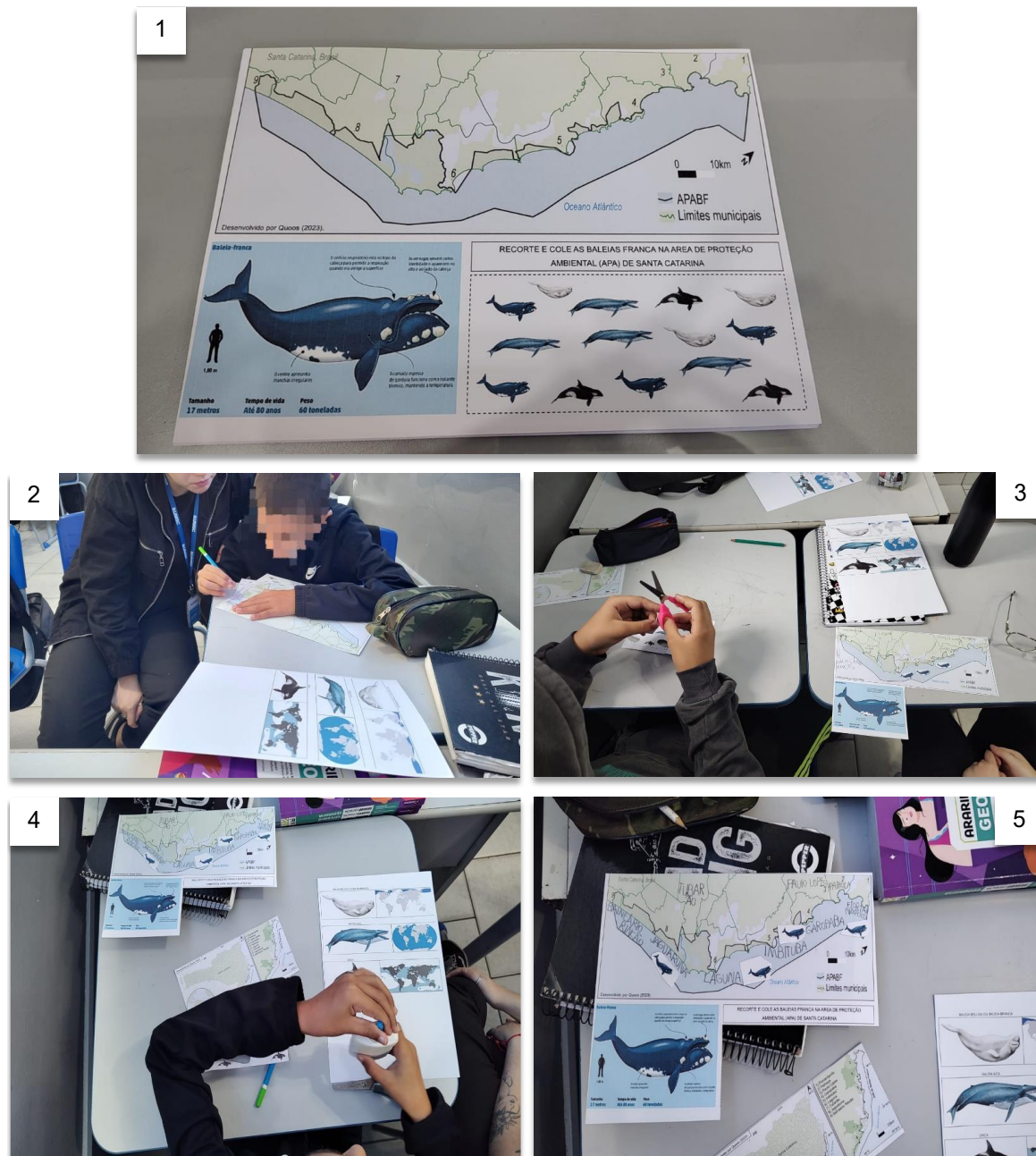
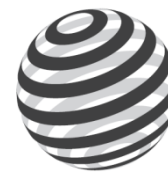


Figura 3- Registros fotográficos dos estudantes durante a realização das atividades
Fonte: arquivo pessoal (2024)

Considerações finais

Os objetivos específicos propostos nesta pesquisa foram alcançados com êxito, demonstrando a viabilidade de adaptar práticas pedagógicas inclusivas no ensino de Geografia para estudantes com deficiência intelectual.



O primeiro objetivo, “desenvolver a compreensão de elementos cartográficos básicos, como título, legenda, escala e cores, utilizando o mapa da Área de Proteção Ambiental (APA) da Baleia Franca como recurso didático” foi atingido por meio da simplificação e adaptação dos materiais cartográficos, que permitiram aos estudantes identificar e interpretar os principais elementos dos mapas de forma significativa.

O segundo objetivo, “promover a reflexão sobre a importância da proteção ambiental em ambientes marítimos, estimulando a conscientização sobre a preservação dos ecossistemas costeiros”, também foi alcançado. Mesmo não residindo em áreas litorâneas, os estudantes demonstraram compreensão sobre a relevância da proteção ambiental, evidenciando que é possível transpor conteúdos ambientais para contextos geográficos distintos, tal como afirmam Dias et al. (2023), ao defenderem a importância de práticas de Educação Ambiental inclusivas.

Já o terceiro objetivo, “adaptar estratégias pedagógicas inclusivas que possibilitem a participação ativa dos estudantes com deficiência intelectual, respeitando suas necessidades individuais durante as atividades”, foi atendido por meio da flexibilidade metodológica e da consideração das particularidades de cada estudante, assegurando um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e respeitoso.

Embora o número de participantes tenha sido reduzido, essa limitação não compromete a relevância dos resultados obtidos. Pelo contrário, o grupo refletiu a pluralidade característica da comunidade escolar do ensino regular, evidenciando a diversidade de necessidades e potencialidades presentes no ambiente educacional.

No entanto, é importante ressaltar que pesquisas na área ainda precisam ser ampliadas, visando estabelecer critérios e métodos que possam ser aplicados em grupos maiores de pessoas com deficiência intelectual. Dessa forma, será possível consolidar práticas pedagógicas inclusivas mais abrangentes e replicáveis, contribuindo para uma educação geográfica que valorize a participação ativa, a autonomia e o desenvolvimento integral de todos os estudantes.

Referências Bibliográficas

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento [et al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli [et al.]. Porto Alegre: Artmed, 2014. Dados eletrônicos.

BRASIL. Instituto Chico Mendes de Conservação e Biodiversidade. **Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca**. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/marinho/lista-de-ucs/apa-da-baleia-franca>. Acesso em: 5 jan. 2025.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. **Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar**. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 25, n. 66, p. 209-225, maio/ago. 2005.

DIAS, Julio Cesar de França; DIAS, Walquíria Pereira da Silva; SOEIRO, João Pedro Moreira; CELERI, Márcio José. **Educação Ambiental e Educação Inclusiva: diálogos possíveis no campo da Geografia Escolar**. *GEOFRONTER*, v. 9, n. 1, 2023. DOI: <https://doi.org/10.61389/geofronter.v9i1.7565>.



PRESTES, Laura Dias. **Áreas de Proteção Ambiental (APA):** conservação e sustentabilidade — o caso da APA da Baleia Franca (SC/Brasil). 2016. Tese (Doutorado em Geografia) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/157068>. Acesso em: 5 jan. 2025.

QUOOS, João Henrique. **Geodiversidade e paisagem:** uma abordagem interpretativa para a Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca (SC). 2023. Tese (Doutorado em Geografia) — Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/28181>. Acesso em: 15 dez. 2024.

RODRIGUES, Tuane Telles; KEPPEL, Matheus Fernando. **A contribuição da pedagogia emocional para a cartografia escolar inclusiva.** *Revista Signos Geográficos*, v. 2, p. 1–14, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/signos/article/view/61846>. Acesso em: 5 jan. 2025.

RODRIGUES, Tuane Telles. **A produção de vídeos autoinstrutivos em Libras para o ensino de Geografia na Educação a Distância.** *Revista Educação Geográfica em Foco*, v. 3, n. 5, jul. 2019. ISSN 2526-6276. Disponível em: <https://periodicos.puc-rio.br/index.php/revistaeducacaogeograficaemfoco/article/view/985>. Acesso em: 4 jan. 2025.

SANTA CRUZ DO SUL (RS). Secretaria Municipal de Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. 2019. Disponível em: <https://santacruz.rs.gov.br/conteudo/legislacao-bncc>. Acesso em: 5 jan. 2025.

SANTOS, Márcio José dos; ROCHA, Joice Stella de Melo. **Aplicação de metodologias de ensino de Geografia voltadas a alunos cegos:** uma proposta de inclusão social. *Nuances: Estudos sobre Educação, Presidente Prudente*, v. 33, n. 00, p. 1–14, 2022. DOI: <https://doi.org/10.32930/nuances.v33i00.9491>. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/9491>. Acesso em: 5 jan. 2025.

SILVA, Josimária Santana da; GUEDES, Josiel de Alencar. **Cartografia assistiva para daltônicos e deficientes visuais.** *Revista Educação Geográfica em Foco*, v. 4, n. 8, out. 2020. ISSN 2526-6276. Disponível em: <https://periodicos.puc-rio.br/index.php/revistaeducacaogeograficaemfoco/article/view/1142>. Acesso em: 5 jan. 2025.